

Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Mestrado em Psicologia

SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM:
A fenomenologia da experiência dialógica poética subjetivante de Adoniran Barbosa
Márcio Luppi

Goiânia
Dezembro de 2005.
Universidade Católica de Goiás -Brasil - Av. Universitária 1.440 - Setor Universitário -
Goiânia - GO - CEP 74605-010

Universidade Católica de Goiás
Vice-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Mestrado em Psicologia

SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM:
A fenomenologia da experiência dialógica poética subjetivante de
Adoniran Barbosa
Autor: Márcio Luppi
Orientador: Professor Doutor Saturnino Pesquero Ramon

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Psicologia, da
Vice-Reitoria de Pós-graduação e
Pesquisa da Universidade Católica de
Goiás como requisito à conclusão do
Mestrado em Psicologia

Goiânia
Dezembro de 2005

Dissertação apresentada conforme os ditames da nova normalização desta Instituição,
composta de:

- Resenha da pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica.

- Artigo científico.

**Resenha da pesquisa bibliográfica para a fundamentação
teórica**

Sumário da Resenha

I- Fundamentação Teórica.....	1
1. Subjetividade.....	1
2. Linguagem.....	2
3. A experiência dialógica na constituição da subjetividade.....	4
4. A Psicologia Fenomenológica e o processo de subjetivação.....	15
5. O caso Adoniran Barbosa.....	20
II- Aspectos Metodológicos.....	36
6. Metodologia.....	36
7. Método.....	40
8. Normalização.....	42
Referência Bibliográfica.....	44

**Subjetividade e Linguagem: A fenomenologia da experiência dialógica
poética subjetivante de Adoniran Barbosa**

**Self and Language: The phenomenology in the poetic dialogical
experience in Adoniran Barbosa Self.**

Autor: Márcio Luppi

Orientador: Professor Doutor Saturnino Pesquero Ramón

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A Subjetividade

Para Adler (1956), o ser humano responde ativa e criativamente às várias influências que afetam suas vidas. O homem não é um objeto inerte, que aceita de maneira passiva todas as forças externas. Selecciona-se sempre uma experiência de outra, codifica-se e interpreta-se a experiência de modo seletivo, desenvolvendo um esquema de percepção individualizado, formando um modelo próprio de relacionamento com o mundo. Esse sistema é um ato criativo, é o poder criador da personalidade ou do *self*, que guia e dirige a resposta individual ao meio ambiente. “Todo indivíduo representa tanto a unidade da personalidade quanto a forma individual dessa unidade. Assim ele é tanto o quadro como o artista. Ele é o artista da sua própria personalidade”. (Adler, 1956, p 177).

O estudo da personalização assim como o dos processos que entram em jogo no seu processo reveste-se de capital importância no campo da psicologia, e, de forma particular, na área das psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial. A subjetividade é definida como a síntese singular e individual que cada ser humano vai construindo no seu desenvolvimento a partir das experiências significativas, vividas nestas três regiões do mundo do seu existir que são os arredores físicos ou biológicos ou, ainda, a paisagem, o mundo da natureza (*Umwelt*), o seguinte é o ambiente humano (*Mitwelt*) e a pessoa e seu EU (*self*), incluindo o corpo (*Eingenwelt*). (Hall & Lindzey, 1993, p 88).

RESUMO

No campo da psicologia fenomenológico-existencial, e de modo, peculiar, no campo da Gestalt-Terapia, o estudo do processo de subjetivação ou personalização reveste-se de capital importância. Entre seus teóricos a figura de Martin Buber com sua tese que propugna que a subjetivação é fruto das experiências dialógicas nas três esferas onde surge o mundo da relação.

O presente artigo revela e discute os resultados de uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica que investigou, nos textos das letras do compositor e músico popular, Adoniran Barbosa, quais foram os significados subjetivantes que elas desvelam e foram vivenciados pelo autor na forma dialógico-poética de construir sua personalidade artística e humano-social.

Os resultados destacam a força das experiências interpessoais e espirituais no sentido de serem manifestações da força do seu próprio espírito no diálogo interior consigo mesmo como determinantes da subjetivação do autor estudado.

Palavras-chave: Subjetividade, linguagem, dialógico-poético, qualitativo, fenomenológico.

Normalização

O artigo científico é o produto final dessa pesquisa e será direcionado para a revista Psicologia USP, a escolha deu-se pelo caráter do veículo que tem em sua proposta editorial voltada ao encontro das tendências contemporâneas de integração e complementaridade. Essa tendência leva em conta a vocação da Psicologia para a diversidade e para a articulação de áreas e conhecimentos. As normas editoriais atendem aos requisitos da APA sendo que o texto do artigo científico não poderá ultrapassar o total de trinta e cinco páginas segue em anexo maiores informações.

Artigo

Sumário do Artigo

1. Introdução.....	1
2. Método.....	9
3. Resultados.....	10
4. Discussão.....	27
5. Observações Finais.....	31
Referência Bibliográfica.....	33

SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM: A FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA POÉTICA SUBJETIVANTE DE ADONIRAN BARBOSA

1- INTRODUÇÃO

O ser humano constrói, ativa e criativamente, sua subjetividade ou personalidade a partir do saber dar sentido às próprias experiências vividas. O homem não é um agente inerte e passivo, à mercê das ondas dos acontecimentos pessoais, interpessoais e sócio-culturais no mar do seu existir. No processo dinâmico de sua personalização, seleciona sempre uma experiência de outra, codifica-as e interpreta-as, desenvolvendo, dessa forma, um esquema de apercepção personalizado ou de dar sentido às suas vivências. Sobre esse particular Merleau Ponty (1999, p. 3) escreve: “Eu sou a fonte absoluta, minha experiência não provem de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim (e portanto ser no único sentido que a palavra possa ter para mim).”

E no que diz respeito ao caráter singular e criativo da tarefa construtiva da própria subjetividade ou personalidade, cita-se as palavras de Adler (1956, p. 177): “todo indivíduo representa tanto a unidade da personalidade quanto à forma individual dessa unidade. Assim ele é tanto o quadro como o artista. Ele é o artista de sua própria personalidade”.

A grande questão da análise e interpretação da subjetividade humana refere-se a precisão e credibilidade que o processo possa ter, bem como sua utilidade para a psicoterapia. O presente artigo investigou através da linguagem de textos poéticos, essa subjetividade. Por meio da interpretação da experiência dialógica existencial do artista e compositor popular, Adoniran Barbosa, no seu processo de subjetivação. Trata-se da relação entre duas variáveis, a subjetividade e a linguagem, e da forma pela qual a segunda pode dar acesso à primeira. A linha teórica é fenomenológica, apoiada no

referencial teórico de Martin Buber, sendo uma pesquisa qualitativa com estudo de caso e análise fenomenológica.

O estudo da personalização, assim como o dos procedimentos que entram em jogo no seu processo reveste-se de capital importância no campo da psicologia e, de forma particular, na área das psicoterapias de orientação fenomenológico-existencial. A subjetividade é definida como a síntese singular e individual que cada ser humano vai construindo no seu desenvolvimento a partir das experiências significativas, vividas nas três regiões do mundo do seu existir que são os arredores físicos ou biológicos ou, ainda, a paisagem, o mundo da natureza (*Umwelt*), o seguinte é o ambiente humano (*Mitwelt*) e a pessoa e seu EU (*self*), incluindo o corpo (*Eingenwelt*) (Hall & Lindzey, 1993, p 88).

A subjetividade vai se construindo no processo de desenvolvimento e vivência das experiências sociais e culturais. É uma síntese que nos diferencia dos demais seres, nos identificando de um lado por ser única, e igualando, de outro, na medida em que os elementos que constituem são vividos no campo comum da objetividade social. Esta síntese é o mundo de idéias, significados e emoções construídos internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica. O mundo social, conforme vai sendo experienciado por todos, possibilita a construção de um mundo interior. A subjetividade está construída *a priori*, apropriando-se do material do mundo real social e cultural, fazendo isso ao mesmo tempo em que atua sobre o mundo, ou seja, é ativo na sua construção. Criando e transformando o mundo o homem, constrói e transforma a si próprio. (Bock, Furtado & Teixeira, 2002. p. 22).

A linguagem é entendida numa perspectiva fenomenológico-existencial, ou seja, conforme expressão e determinante da própria constituição da subjetividade humana,

segundo as teses buberiana e heideggeriana. Diego Sanchez Meca (2000, p.117) resume tal viés epistemológico citando as palavras de Buber em EU e TU: “Ser EU, ou proferir a palavra EU são uma e a mesma coisa. Proferir EU ou proferir uma das palavras-princípio são uma só ou mesma coisa. Aquele que profere uma palavra-princípio penetra nela e ali permanece”. Acrescenta ainda que tal pensamento buberiano traduziria a proposição heideggeriana, exposta em *Ser e Tempo*: “o homem está na linguagem e não a linguagem está no homem”.

Buber, ao falar do poder subjetivador das duas palavras-princípio, explica eficazmente a tese acima exposta:

Em todas as épocas, pressentiu-se indubitavelmente que a relação essencial recíproca entre dois seres significa a oportunidade do Ser, oportunidade esta que surgiu graças ao fato de que o homem existe. Pressentiu-se sempre também de que justamente pela razão de penetrar na relação essencial é que o homem revela-se como homem; que é de fato somente com isto e através disto que ele atinge a participação válida no Ser, a ele reservada; que portanto o *dizer-TU vindo do EU está na origem de todo singular tornar-se homem*” (Buber, 2001, p.159).

Nessa mesma perspectiva de pensamento, Merleau-Ponty ressalta o caráter da linguagem como conduta do ato existencial. Por tal motivo, a linguagem só pode ser compreendida quando é vivida.

A linguagem não é mais a seiva das significações, mas o próprio ato de significar, e o homem falante e escritor não pode governá-la voluntariamente,

assim como o homem vivente não pode premeditar o detalhe e os meios de seus gestos. A única maneira para compreender a linguagem é instalar-se nela e exercê-la. (Ponty, 1980, p.2).

A experiência dialógica poética como determinantes da subjetivação é entendida à luz do pensamento buberiano. Segundo Buber (2001, p.118) do indivíduo em contato com as três esferas surge o mundo da relação, ressaltando-se “com o mundo da natureza, com o homem e com as formas espirituais e inteligíveis” (Meca, 2000, p.141), ambas têm uma dupla atitude, com sentido bem diferente entre si, condicionadas pelas palavras-princípio definidores de sua relação com as três esferas mencionadas. As palavras-princípio são pares de vocábulos, sendo uma delas o par EU – TU¹, e a outra o par EU – ISSO². As palavras-princípio só se referem a algo fora delas, quando proferidas. É quando fundamentam, manifestam a existência de alguém (EU – TU) ou de alguma coisa (EU – ISSO). A palavra-princípio EU – TU fundamenta o mundo da relação. Pode-se considerar *EU e TU*³, uma obra que executa uma verdadeira fenomenologia da relação. Vários foram os fatores que provocaram em Buber a ação de levar os homens a descobrirem a realidade vital de suas experiências.

A obra *EU e TU*, publicada em 1923, destaca a existência dialógica como o fenômeno central da obra de Buber sendo sua contribuição para uma ontologia da vida humana. Todo edifício da obra de Buber está no encontro dialógico, a palavra enquanto força instauradora do ser, a palavra-ato expressa em muitos termos: diálogo, relação essencial, encontro, entre. Em *EU e TU* o encontro dialógico não é uma busca, mas um evento que ocorre e ao qual o indivíduo deve estar disponível. É um evento não habitual

¹ EU – TU, EU – ISSO irão aparecer no projeto com as letras maiúsculas para diferenciar do eu, tu e isso com outras funções gramaticais.

² Idem.

³ É o livro de Martin Buber chamado *Eu e Tu* publicado no Brasil pela Editora Centauro com Tradução de Newton Aquiles Von Zuben e última edição 2001.

e o fato do sujeito estar disponível, significa a abertura para a construção de sua subjetividade, o eu se torna EU na relação com o TU. Toda vida atual é encontro, para Buber, e toda existência real é relação. Exemplificando a teoria, a relação EU-TU não se identifica no amor, ou no ódio, pois esses sentimentos o EU possui e acompanha a relação dialógica. A relação acontece na cumplicidade, é uma situação existencial de cumplicidade, pois o ser humano se realiza na comunidade, na relação intersubjetiva do indivíduo com o outro. O EU não passa de abstração fora de uma relação, ele só se torna EU na dimensão do “nós”.

O poder criativo do homem está ligado a sua realização. Há uma dupla relação do homem para com sua experiência, uma que orienta ou classifica, e outra que realiza ou torna real. Para Buber, todo tipo de experiência é EU-ISSO quando há uma cisão entre um sujeito e um objeto que está a sua frente, sendo o mundo do ISSO experiência e objeto, ou seja, o próprio objeto em si. O EU-TU acontece entre dois seres que guardam a singularidade do seu ser. A relação jamais poderá chegar a uma unidade.

O EU e TU é uma descrição fenomenológica das atitudes, da palavra, do homem no mundo e, sobretudo, é uma ontologia da relação, da presença. Buber aponta três problemas para acessar o ser do homem; o primeiro é quando o homem aparenta ser, mas não é, o diálogo não acontece quando os seres nele envolvidos nele estão preocupados em parecer o que não são. O segundo problema é perceber o outro, pois perceber o outro é aprender o seu íntimo. O problema final é não se impor ao outro não no sentido de subjugar-lo e, sim, de se distanciar (Zuben, 2003 p.23).

A relação essencial recíproca entre dois seres significa uma oportunidade do Ser, que surge graças ao fato de que o homem existe. Coloca-se sempre também que justamente pela razão de penetrar na relação essencial é que o homem revela-se como homem; que é de fato somente com isto e através disto que ele atinge a participação

válida no Ser, a ele reservada; e, portanto, o dizer-TU vindo do EU está na origem de todo singular tornar-se homem (Buber, 1982, p. 159).

Por outro lado, segundo Buber, as três formas modélicas de defrontar-se com o mundo e os outros seriam “as formas de sentido poético, amoroso e religioso” (Meca, 2000, p.115). Sobre a importância da experiência poética como antídoto contra a massificação do homem, Buber constata que na sociedade atual houve uma atrofia da subjetividade e uma prevalência do encontro do EU-ISSO ao EU-TU, ou seja, uma relação maior das pessoas com os objetos sem experiência construtora de subjetividade, ou com uma subjetividade pasmada, alienada, massificada, institucionalizada, que não permite uma realização pessoal verdadeira e sim na aparência. Burlar esse mecanismo de subjetivação massificada é uma tarefa do sujeito consciente que se constrói. Nesse sentido, a poesia, ainda é um reduto de subjetivação (Meca, 2000 p.118).

A presente pesquisa qualitativo-fenomenológica explora os significados das experiências dialógicas, vividas por Adoniran, conforme atestam seus textos poéticos e dados biográficos, ilustrando a construção de sua subjetividade humana, criativa e social.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, no sentido genérico da palavra, visando, como preconiza Bogdan & Biklen (2002, p.2) “apenas compreender o comportamento ou experiência estudada a partir do quadro de referências do próprio sujeito”.

O trabalho tem fundamentação fenomenológica por explorar o mais exaustivamente possível os significados psicológicos de tal experiência, sempre que preconiza o método da Psicologia Fenomenológica de Giorgi (2000, p 14ss) faz-se importante “almejar e elucidar os aspectos psicológicos na profundidade necessária para entender o evento estudado”.

A iniciativa nasceu da identificação artística e pátria do autor com o compositor estudado, da constatação da ausência de estudos psicológicos sobre a linguagem de artistas populares brasileiros, inclusive de Adoniran Barbosa. Apesar de ter cinco biografias e numerosas dissertações de mestrado, uma recente do historiador Francisco Rocha (2003, prefácio) que o tema se assemelha ao deste trabalho, contudo o enfoque é histórico, o pesquisador no prefácio aponta: “Aqui são discutidas, com singular rigor metodológico, as canções de Adoniran como fragmentos de sua memória e de sua própria vida, resgatando a atmosfera da vida cotidiana de São Paulo, re-inventando suas praças, suas ruas, e em especial, as vozes dos excluídos”. A isso devem somar-se a prática clínica do estudioso no campo da Psicologia Fenomenológica e os estudos sobre a linguagem e a subjetivação em Buber.

A pesquisa almejou alcançar três objetivos básicos:

- 1) Descrever, mais profundamente possível, os significados das experiências vividas pelo autor estudado em cada uma das esferas do mundo da relação dialógica.
- 2) Construir, com os elementos levantados através da análise dos conteúdos temáticos examinados, as estruturas significativas globais em cada esfera relacional estudada.
- 3) Verificar como esse mundo fenomênico traduziu e determinou sua personalidade e modo de agir existencial.

O método empregado para a obtenção de tais objetivos foi desenhado por Giorgi (1985) e adaptado por W. Gomes (1999, p.97 ss), seguindo três etapas:

- Descrição fenomenológica ou de levantamento descritivo dos significados vividos;

- Redução fenomenológica ou de construção das estruturas significativas globais;
- Interpretação fenomenológica ou de verificação de como tais significados traduzem as atitudes ou modos do comportar-se existencial do sujeito ou sujeitos estudados.

2- MÉTODO

O sujeito da pesquisa é Adoniran Barbosa um letrista e músico tipicamente paulistano, foi um cronista da cidade de São Paulo e, sobretudo das pessoas simples e dos acontecimentos que as cercam. Nasceu em Valinhos SP, mas passou sua vida na capital paulista. Foi um artista autêntico, iniciando em Rádio como comediante e, paralelamente, como intérprete e compositor de marchas carnavalescas. Suas letras são as que mais identificam a cidade e sua época. Por esse motivo *Trem das Onze* ganhou o prêmio no aniversário de quatrocentos e cinqüenta anos de São Paulo.

Procedimentos: O levantamento dos dados sobre as experiências dialógicas de Adoniran que ilustram o processo de sua subjetivação. E a verificação do conteúdo poético de suas composições. Vale ressaltar que toda experiência poética é direcionada a um TU, nunca a um ISSO, mesmo que o TU seja um objeto e ainda que não tenha percepção do fato ou resposta, a sua introjeção por parte do artista e a seu novo significado fazem do objeto um TU. A pesquisa visa identificar elementos da estrutura

significativa subjetivante nas letras das músicas e a relação das esferas com a vida do autor.

3- RESULTADOS

"Essa eu fiz comigo mesmo"⁴

Adoniran Barbosa

O compositor falava o seguinte sobre seu processo de criação o seguinte:

Meus sambas não nascem com horas marcadas, não são consequência de inspirações. Eles nascem por si, por mim, pelas coisas. Contam de uma São Paulo Grande, falam de gente simples, humanas, das malocas, dos malandros, de gente boa. ...Eles não falam de grandes paixões, mas mostram problemas e o cotidiano das pessoas da cidade grande, das muitas lutas e poucas vitórias. Sei que sou uma pessoa diferente, até o título das minhas músicas são diferentes, e sei que também ninguém me conhece. È que não tive nenhuma instrução. O que sei hoje, aprendi na vida. Meu jardim da infância foi a rua.⁵

I- Vivências subjetivantes a partir de sua relação dialógica com o mundo da natureza:

⁴ Resposta dada quando perguntado sobre quem era o parceiro da composição, por Elis Regina, no programa *Dois na Bossa* e gravada no disco Documento Inédito, Gravadora Eldorado, SP, 1982.

⁵ Fala de Adoniran em Marlene Benicchio, "Samba do Metrô", Última Hora, São Paulo, 20.06.1975, p5 apud Rocha, 2002, p 142

Esfera: Mundo da natureza (sua maloca)

1. ABRIGO DE VAGABUNDOS

EU ARRANJEI O MEU DINHEIRO/
TRABALHANDO O ANO INTEIRO/
NUMA CERÂMICA FABRICANDO
POTES/ E LÁ NO ALTO DA MOÓCA/
EU COMPREI UM LINDO LOTE/ DEZ
DE FRENTE E DEZ DE FUNDOS/
CONSTRUI MINHA MALOCA/
ME DISSERAM QUE SEM PLANTA
NÃO SE PODE CONSTRUIR/
MAS QUEM TRABALHA TUDO PODE
CONSEGUIR/ JOÃO SARACURA QUE
É FISCAL DA PREFEITURA/ FOI UM
GRANDE AMIGO, ARRANJOU TUDO
PRA MIM/ POR ONDE ANDARÁ JOCA
E MATOGROSSO/ AQUELES DOIS
AMIGOS QUE NÃO QUIS ME
ACOMPANHAR/ ANDARÃO JOGADOS
NA AVENIDA SÃO JOÃO OU VENDO O
SOL QUADRADO NA DETENÇÃO/
MINHA MALOCA, A MAIS LINDA QUE
EU JÁ VI/ HOJE ESTÁ LEGALIZADA/
NINGUÉM PODE DEMOLIR/MINHA
MALOCA A MAIS DESTE MUNDO
OFEREÇO AOS VAGABUNDOS QUE
NÃO TÊM ONDE DORMIR

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- Descoberta

do valor do trabalho.

2- Descoberta do valor da amizade.

3- Despertar da solidariedade humana.

4- Despertar da cidadania.

5- Consciência das obrigações legais.

6- Necessidades de conscientizar os excluídos.

"Vagabundo é gente".

Vivência existencial (eticidade): Adoniran

nunca quis ser associado à malandragem, segundo consta em sua biografia *Dá licença de contar*, de Mugnaini (2002, p. 20). No último carnal de que participou, quando lhe pediram para vestir branco, afirmou: “sou boêmio, malandro não” e na história de sua vida nunca exaltou e nem tentou ser malandro, sempre trabalhou para construir. Moura e Nigri (2002) em outra biografia *se o senhor não ta lembrado*, dizem que o autor se contrapõe a vadiagem e diz “quem trabalha tudo pode e conseguiu”. O compositor vem de uma família de imigrantes trabalhadores.

Esfera: Mundo da Natureza (O morro).

2. A LUZ DA LIGHT

LÁ NO MORRO QUANDO A LUZ DA LIGHT
PÍFA/ A GENTE APELA PRA VELA, QUE
ALUMEIA TAMBÉM (QUANDO TEM)/ SE
NÃO TEM NÃO FAZ MAL/ A GENTE
SAMBA NO ESCURO/ QUE É MUITO MAIS
LEGAL/ QUANDO ISSO ACONTECE HÁ UM
GRITO DE ALEGRIA/ A TORCIDA É
GRANDE PRA LUZ VOLTAR SÓ NO
OUTRO DIA/ MAS O DONO DA CASA
ESTRANHANDO A DEMORA/ E ACHANDO
IMPOSSÍVEL/ DESCONFIA LOGO QUE
ALGUÉM PASSOU A MÃO NO FUZIL NO
RELÓGIO DA LUZ

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- Ilustra a arte com diversão para

os mais pobres em detrimento das diferenças

sociais. 2- Discute a capacidade de improviso social

a solução da vela para a falta de luz; a simplicidade da vela em relação ao fracasso excludente do progresso. Mesmo não havendo vela, o autor samba no escuro, por tanto para a arte não há empecilhos. 3- Relata a desconfiança da possibilidade do roubo do fusível, sem ser uma denúncia.

Vivência existencial (eticidade): Trata-se de um tema que preocupava o artista, pois o mesmo escrevera para o governador pedindo providência sobre a falta de luz e água do bairro em que morava, Cidade Adhemar (Mugnaini, 2002, p.124). Existe novamente a presença do humor e da criatividade para resolver problemas comuns em situações difíceis da vida do autor, como conta Moura e Nigri (2002, p. 150 e 151).

3. NO MORRO DA CASA VERDE

SILÊNCIO, É MADRUGADA/ NO
MORRO DA CASA VERDE/ A RAÇA
DORME EM PAZ/ E LÁ EMBAIXO
MEUS COLEGAS DE MALOCA/
QUANDO COMEÇA A SAMBÁ NÃO
PÁRA MAIS/ SILÊNCIO!
VALDIR, VAI BUSCAR O TAMBOR
LAÉRCIO, TRAZ O AGOGÔ
QUE O SAMBA NA CASA VERDE
ENFEZOU!

Esfera: Mundo da Natureza (O morro da Casa Verde).

Elementos da estrutura significativa subjetivante:

1- Descoberta do valor da comunidade. 2- A descoberta do valor da amizade e do trabalho em grupo com funções definidas. 3- A percepção de que a união de

amigos propicia a diversão popular através da arte.

Vivência existencial (eticidade): A letra relata um tema recorrente na obra do autor, que é a roda de samba como diversão, bem como a possibilidade da arte como grito de liberdade.

4. SAUDOSA MALOCA

SE O SENHOR NUM TÁ LEMBRADO/ DÁ
LICENÇA DE CONTÁ/ QUE AQUI ONDE
AGORA ESTÁ/ ESSE ADIFIÇO ARTO/ ERA
UMA CASA VÉIA/ UM PALÁCETE
ASSOBRADADO (OU ABANDONADO)
FOI AQUI, SEU MOÇO/ QUE EU, MATO
GROSSO E O JÓCA CONSTRUÍMO NOSSA
MALOCA/ MAIS, UM DIA (NÓIS) NEM
QUERO (PODE) SE ALEMBRÁ/ VEIO OS
HOMES/ COVAS FERRAMENTA/ O DONO
MANDÔ DERRUBÁ/ PEGUEMOS TODAS
NOSSAS COISAS E FUMO PRO MEIO DA
RUA APRECIÁ (ESPIÁ) A DEMOLIÇÃO
QUE TRISTEZA QUE NÓIS (OU EU) SENTIA
CADA TÁUBUA QUE CAÍA DOÍA NO
CORAÇÃO/ MATO GROSSO QUIS GRITÁ
MAS EM CIMA EU FALEI: "OS HOMES TÁ
COVA RAZÃO NÓIS ARRANJA OUTRO
LUGÁ"/ SÓ SE CUNFORMEMOS QUANDO
JÓCA FALÔ: "DEUS DÁ O FRIO CONFORME
O CUBERTÔ" E HOJE NÓIS PEGA AS PÁIA
NAS GRAMA DO JARDIM E PRA ESQUECÊ
NÓIS CANTEMOS ASSIM: SAUDOSA
MALOCA, MALOCA QUERIDA
DIN DIN DONDE NÓIS PASSEMOS
DIAS FELIZ
DE NOSSA VIDA

Esfera: O mundo da natureza (A maloca).

Elementos da estrutura significativa

subjativante:

- 1- Distingue o sentimento de nostalgia quando o passado era mais humanizado e comunitário.
- 2- Evoca o valor da união dos pobres para a melhoria social. A união de forças construindo sua moradia.
- 3- Discute a falta de assistencialismo público.
- 4- O sentimento de resignação em contrapartida à força do progresso.

Vivência existencial (eticidade):

“Ah, eu tinha um cachorrinho, o Peteleco. De noite saía para dar um passeio com ele pela Rua Aurora. Onde hoje é o Cine Áurea era o Hotel Albion, que acabou sendo demolido. O prédio ficou abandonado uma porção de tempo. Uns e outros sem compromisso, que pra “ganha” pra cachaça e pro sanduíche faziam biscates nas feiras, lavavam carros ou eram engraxates, de noite se escondiam lá dentro, pois não tinham onde dormir. Eu conhecia todos – o Mato Grosso, o Joca, o Corintiano. Eu visitava eles, junto com o Peteleco, naquela moradia. A gente batia papo, se entendia e se queria bem. No dia que “começo” a demolição do casarão, cheguei lá e num vi mais nenhum dos meus amigos. Sumiram, fiquei triste e tive a idéia de fazer um samba para eles. Tava na rua andando, do Viaduto do Chá para a Quintino Bocaiúva, e o samba foi saindo, letra e

música, tudo junto: "Saudosa maloca,/Maloca querida,/Din-din-donde nós
passemos/ Os dias felizes de nossa vida" (in Adoniran/Paulo Vanzolini, 1978, p.
6).

II- Vivências subjetivantes a partir de sua relação dialógica com o mundo do

outro:

1. ACENDE O CANDIEIRO
FALADO:
"VAI NÊGA, FALA QUE O PAI
MANDOU, VIU/ VAI LÁ E FALA QUE O
PAI MANDOU, VAI FIA".

ACENDE O CANDIEIRO, Ó NÊGA
LUMEIA O TERREIRO, Ó NÊGA
AI AVISAR O PESSOAL QUE HOJE
VAI TER ENSAIO GERAL VAI
DEPRESSA MARIA ANTES QUE
FIQUE TARDE DAQUI A POUCO
ESCURECE NÃO DÁ PRA AVISAR
NINGUÉM NA VOLTA NÃO ESQUECE
DE FALAR COM DONA IRENE E
PASSAR PELO ARMAZÉM
TRAZER UM PACOTE
DE VELA E UM LITRO DE
QUEROSENE
DESTA VEZ NÃO PODE ACONTECER
O QUE ACONTECEU
DA OUTRA VEZ
FOI UMA COISA INCRÍVEL
O ENSAIO PAROU
PORQUE FALTOU COMBUSTÍVEL
VAI NÊGA VAI

Esfera: O mundo do Outro (A nega e o grupo de amigos).

Elementos da estrutura significativa

subjetivante: 1- O sentimento de diversão coletiva ligado à arte. A precaução do autor em relação à falta de energia como uma possível barreira para a roda de samba. Em algumas apresentações ao vivo Adoniran faz menção de que o combustível seria bebida alcoólica: “vai nega traz aquele mel bom

que matou o vigia” (Meus Momentos, gravadora EMI Odeon, SP – 1994).

2- Experimentar a arte como redentora das mazelas sociais e humor.

Vivência existencial (eticidade): O autor morou em uma chácara sem iluminação e a própria população carente das malocas também, há uma redenção da pobreza com a arte marca indelével da vida do artista; além da presença da bebida alcoólica, vício que o acompanhou até a morte como conta Campos Júnior (2004) na biografia *Adoniran: Uma Biografia*, nos capítulos finais da vida do compositor.

2. APAGA O FOGO MANÉ

INEZ SAIU DIZENDO QUE IA COMPRAR
UM PAVIO PRO LAMPIÃO
PODE ME ESPERAR MANÉ QUE EU JÁ
VOLTO JÁ/
ACENDI O FOGÃO, BOTEI A ÁGUA PRA
ESQUENTAR E FUI PRO PORTÃO
SÓ PRA VER INEZ CHEGAR
ANOITECEU E ELA NÃO VOLTOU
FUI P'RA RUA FEITO LOUCO
PRA SABER O QUE ACONTECEU
PROCUREI NA CENTRAL
PROCUREI NO HOSPITAL E NO
XADREZ/ ANDEI A CIDADE INTEIRA
E NÃO ENCONTREI INEZ
VOLTEI PRA CASA TRISTE DEMAIS
O QUE INEZ ME FEZ NÃO SE FAZ
E NO CHÃO BEM PERTO DO FOGÃO
ENCONTREI UM PAPEL
ESCRITO ASSIM:
-PODE APAGAR O FOGO MANÉ
QUE EU NÃO VOLTO MAIS !

Esfera: O mundo do outro (Inez).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- Comunica o sentimento de abandono caracterizado pelo desaparecimento de casa da personagem Inez. 2- Descoberta do sentimento de impotência em relação à união do casal. 3- Descoberta do sentimento de traição. 4- O relato da angústia do marido à espera da descoberta e posteriormente a desilusão com a

descoberta do abandono, sensação de passividade. 6- Discute a idéia de pobreza das personagens que se submetem à correnteza da vida...

Vivência existencial (eticidade): O abandono aqui presente tem relação na vida do autor quando da sua separação e no primeiro casamento, quando teve que deixar a filha única com a irmã (Moura e Nigri, 2002, p. 57). O artista também se sentia abandonado pela mídia, a qual fez tanto sucesso (Mugnaini, 2002). O artista mostrava ainda, um certo desconforto quando se falava nas mulheres que não conquistou, dizia que não agradava as mesmas (Mugnaini, 2002, p. 127).

3. DESPEJO NA FAVELA

QUANDO O OFICIAL DE JUSTIÇA
CHEGOU LA NA FAVELA
E CONTRA SEU DESEJO ENTREGOU PRA
SEU NARCISO UM AVISO PRA UMA
ORDEM DE DESPEJO ASSINADA SEU
DOUTOR, , ASSIM DIZIA A PETIÇÃO
DENTRO DE DEZ DIAS QUERO A FAVELA
VAZIA E OS BARRACOS TODOS NO CHÃO
É UMA ORDEM SUPERIOR , Ô MEU
SENHOR ,É UMA ORDEM SUPERIOR
NÃO TEM NADA NÃO SEU DOUTOR , NÃO
TEM NADA NÃO AMANHÃ MESMO VOU
DEIXAR MEU BARRACÃO NÃO TEM
NADA NÃO SEU DOUTOR VOU SAIR
DAQUI PRA NÃO OUVIR O RONCO DO
TRATOR/ PRA MIM NÃO TEM PROBLEMA
EM QUALQUER CANTO ME ARRUMO DE
QUALQUER JEITO ME AJEITODEPOIS O
QUE EU TENHO É TÃO POUCO MINHA
MUDANÇA É TÃO PEQUENA QUE CABE
NO BOLSO DE TRÁS MAS ESSA GENTE AI
HEIN COMO É QUE FAZ?

Esfera: Mundo do Outro (as pessoas da favela)

Elementos da estrutura significativa

subjativante:

1- A descoberta da solidariedade com os menos favorecidos. 2- A constatação da força do Estado

(ordem superior) que avilta a precária condição da população. 3- A descoberta do sentimento de resignação da população que não tem armas para lutar. 4- A inferência no problema social em detrimento do próprio problema pessoal

Vivência existencial (eticidade): É uma temática recorrente na vida do autor, cuja vida foi marcada por retratar a cidade de São Paulo, que teve um crescimento acelerado, soterrando os menos favorecidos, como consta na obra de Francisco Rocha *O poeta da cidade*, (2002, p.21) e em Moura e Nigri (2002, p.35 e 38).

4. FICA MAIS UM POUCO AMOR

FICA MAIS UM POUCO, AMOR
QUE EU AINDA NÃO DANÇEI COM VOCÊ
SOMOS QUASE VIZINHOS, FAZEMOS O
MESMO CAMINHO, VAMOS, ME DÊ SUA
MÃO/ QUANDO O BAILE ACABAR, EU
DEIXO VOCÊ NO SEU PORTÃO. EU NÃO
VOU PEDIR, MAS SE VOCÊ QUISER ME
DAR AQUELE BEIJO, AO QUAL EU FAÇO
JÚS ESPERO VOCÊ ENTRAR, ACENDER E
APAGAR A LUZ ABRIR A JANELA E ME
DIZER:
"BOA NOITE, ZÉ, TÉ MANHÃ SE DEUS
QUISER".
TÁ TUDO LEGAL.

Esfera: O mundo do Outro (a moça a ser acompanhada)

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- A descrição de sua idéia de corte, simples e cândida. 2- A correlação da paquera com a oportunidade e a comunidade.

Vivência existencial (eticidade): O tema mostra a situação cotidiana de pessoas simples, um baile, um retorno para casa a pé, traços da obra do compositor, relacionando-se com sua vida de um modo geral.

5. IRACEMA

IRACEMA, EU NUNCA MAIS TE VI
IRACEMA MEU GRANDE AMOR FOI EMBORA
CHOREI, EU CHOREI DE DOR PORQUE,
IRACEMA MEU GRANDE AMOR FOI VOCÊ
IRACEMA, EU SEMPRE DIZIA, CUIDADO AO
ATRAVessar ESSAS RUAS, EU FALAVA, MAS
VOCÊ NÃO ESCUTAVA NÃO
IRACEMA VOCÊ ATRAVESSOU NA CONTRA MÃO
E HOJE ELA VIVE LA NO CÉU, E ELA VIVE
JUNTINHO DE NOSSO SENHOR DE LEMBRANÇA
GUARDO SOMENTE, SUAS MEIAS E SEU SAPATO,
IRACEMA EU PERDI O SEU RETRATO IRACEMA,
FALTAVA VINTE DIAS PARA O NOSSO
CASAMENTO, QUE NÓIS IA SE CASAR
VOCÊ ATRAVESSOU A SÃO JOÃO,
VEIO UM CARRO, TE PEGA, E TE PINCHA NO
CHÃO/ VOCÊ FOI PARA ASSISTÊNCIA IRACEMA,
O CHOFER NÃO TEVE CULPA IRACEMA,
PACIÊNCIA IRACEMA, PACIÊNCIA

Esfera: Mundo do Outro (Iracema)

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- O relato da perda de um grande amor como um comunicado do perigo dos tempos modernos 2- A denúncia do desenvolvimento excludente da cidade de

São Paulo e a falta de preparo de sua população, principalmente a mais pobre. Esse tipo de acontecimento é comum na obra de outros autores da época, como Antônio Alcântara Machado. 3- A descoberta da correlação do progresso e a morte do lirismo. 4- A vivência da perda, atropelamento, com a máquina destruindo a ilusão do autor. 4- A presença do humor (meia e seu sapato eu perdi o seu retrato) como redentor da situação trágica.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran, na relação com as mulheres, sempre se sentia em desvantagem; com a figura da morte procurou usar de seu humor como destaca Mugnaini (2002, p. 141) e Moura e Nigri (2002, p. 150 e 151), onde ele negava que iria morrer, mas também se recusava a parar de consumir o que lhe causava a morte, o cigarro e a bebida. Na obra de Moura e Nigri (2002, p.113), os autores apontam que Adoniran substituiu o valor do automóvel com status, o que era comum nas músicas da época e o transforma em vilão. O autor relata que extraiu a inspiração para escreve essa letra de uma notícia de jornal, porém alguns amigos informam que o compositor, contara que a verdadeira inspiração veio de uma moça que o rejeitara e ele disse que a mataria, em tom de brincadeira; matou na canção, segundo consta na biografia produzida por Campos Júnior (2004, p. 354, 355 e 356).

6. MALVINA

MALVINA, VOCÊ NÃO VAI ME
ABANDONAR, NÃO PODE, SEM
VOCÊ COMO É QUE EU VOU
FICAR?
MALVINA, VOCÊ NÃO VAI ME
ABANDONAR, NÃO PODE, SEM
VOCÊ COMO É QUE EU VOU
FICAR?
TÁ FAZENDO MAIS DE DEZ
ANOS QUE NÓIS ESTEMOS
JUNTOS E DAQUI VOCÊ NÃO SAI
MINHA VIDA SEM VOCÊ NÃO
VAI MINHA VIDA SEM VOCÊ
NÃO VAI

Esfera: O mundo do outro (Malvina).

Elementos da estrutura significativa subjetivante:

1- Descoberta da afetividade ligada a mulher amada. O pedido do autor para evitar o abandono, a separação. 2- A dependência da figura da mulher amada.

Vivência existencial (eticidade): A temática de Malvina colabora com a tese da temática de *Apaga o Fogo Mané*.

7. NÃO QUERO ENTRAR

NÃO, NÃO QUERO ENTRAR
EU SEI QUE MESMO QUE EU
QUISESSE/ EU SEI QUE MESMO
QUE EU PEDISSE VOCÊ NÃO IA
DEIXAR O DESGOSTO QUE LHE
CAUSEI FOI GRANDE DEMAIS
VOCÊ NÃO VAI ME PERDOAR
PODE FICAR COM TUDO O QUE
LHE DEI PODE FICAR ATÉ COM O
MEU COLCHÃO EU VOLTEI
SOMENTE PRA BUSCAR
MEU CACHORRINHO, MEU
COBERTOR E MEU VIOLÃO.

Esfera: O mundo do Outro (A mulher do autor).

Elementos da estrutura significativa subjetivante:

1- Discutir a separação do casal e a resignação do homem perante o seu comportamento. A resignação referente à possibilidade de uma reconciliação. 2- A aceitação e o apego a seus objetos mais significativos

e seu cãozinho de estimação.

Vivência existencial (eticidade): Sobre essa música o biógrafo de Adoniran Mugnaini (2002, p.111) diz que o autor elaborou essa canção sob o impacto e em homenagem ao seu recém falecido cão, o Peteleco, seu companheiro de caminhadas e passeios.

8. NÓS VIEMOS AQUI PRA QUÊ?
FALADO: "SILÊNCIO, CHARÓP,
AFINAL DE CONTAS FINARMENTE,
NÓS VIEMOS AQUI PRA BEBER OU PRA
CONVERSAR".

NÃO ME AMOLE RAPAZ/ NÃO ME AMOLE
DEIXA DE CONVERSA MOLE AGORA
NÃO É HORA DE FALÁ/ NÓS VIEMOS
AQUI PRÁ BEBER OU PRÁ CONVERSÁ?
QUEM GOSTA DE DISCURSO É ORADOR
(É ISSO AÍ BIXO)/ QUEM GOSTA DE
CONVERSA É CAMELÔ (FALOU PSIU)
AGORA NÃO É HORA DE FALÁ! (O HOME
TÁ PAGANDO, VAMO APROVEITÁ) NÓS
VIEMOS AQUI PRÁ BEBER OU PRÁ
CONVERSÁ?
(O QUE EU COMBINEI FOI O SEGUINTE:
NÓS VIEMOS AQUI PRA BEBER E NÃO
CONVERSAR)

Esfera: Mundo do Outro (Companheiro de bebida).

Elementos da estrutura significativa

subjetivante: 1- A correlação do uso de mais tempo para o consumo de bebidas e a contraposição do fazer e do falar. Contraponto entre ação e fala. Crítica velada aos políticos que

discursavam, mas não cumpriam as promessas de campanha.

Vivência existencial (eticidade): A letra foi feita após uma campanha publicitária da Antártica, baseada em uma anedota, sobre um casal que vai a um motel e em determinada hora, o homem solta o bordão que virou refrão da letra. (Moura e Nigri, 2002, p.125). Não há uma identificação do autor com a letra, pois o mesmo não possuía a objetividade pregada pela letra.

9 RUA DOS GUSMÕES

O MEU VIOLÃO FICOU COMO
REFÉM NAS MÃOS DO MEU AMOR E
AGORA COMO É QUE EU VOU FAZER
PRA RESGATAR? SEM ELA EU NÃO
POSSO FICAR SEM MEU VIOLÃO,
COMO É QUE EU VOU FAZER? A
MALVADA QUER QUE EU TROQUE O
SAMBA PELO IÊ-IÊ-IÊ ESSA MULHER
SABE QUE POR ELA SOU CAPAZ DE
TUDO SOU CAPAZ ATÉ DE
ATRAVESSAR A RUA DOS GUSMÕES
LENDO ALÍ BABÁ E OS QUARENTA
LADRÕES MAS TROCAR MEU SAMBA
PELO IÊ- IÊ-IÊ ISSO NÃO PODE SER

Esfera: Mundo do Outro (Mulher amada).

Elementos da estrutura significativa subjetivante:

1- O autor comunica que não mudará seu estilo musical para obter nenhum tipo de benefício. Poderia fazer grandes sacrifícios pela mulher amada, menos trair suas convicções artísticas.

Vivência existencial (eticidade): Na obra de Mugnaini (2002, p.103), o autor demonstra que Adoniran, ora dizia não ter nada contra o Rock, ou a Tropicália, entretanto na maioria das vezes, usava de seu humor para dizer “O que ‘vô dize’ sobre a Tropicália? Muito melhor fazer samba do que pensar o que é Tropicália”. E sobre o Rock disse quando lhe perguntaram “O que acha do Rock?”, respondeu apenas “Não acho nada”, em outra composição⁶ fez uma brincadeira dizendo ser uma cinza mora, em alusão a uma brasa mora, gíria típica da Jovem Guarda, e nessa mesma composição dizia “a rádio que hoje toca Ieieie o dia inteiro tocava *Saudosa Maloca*”.

⁶ *Já fui uma brasa* em parceria com Marcos César feita em 1966, versava sobre a temática da exigência do mercado fonográfico para as tendências ligadas já a uma americanização.

10. TREM DAS ONZE

NÃO POSSO FICAR NEM MAIS UM
MINUTO COM VOCÊ
SINTO MUITO AMOR, MAS NÃO
PODE SER MORO EM JAÇANÁ
SE EU PERDER ESSE TREM QUE
SAÍ AGORA ÀS ONZE HORAS
SÓ AMANHÃ DE MANHÃ E ALÉM
DISSO, MULHER TEM OUTRA
COISA MINHA MÃE NÃO DORME
ENQUANTO EU NÃO CHEGAR
SOU FILHO ÚNICO TENHO MINHA
CASA PRA OLHAR
E EU NÃO POSSO FICAR

Esfera: Mundo do Outro (Mulher amada).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- O autor mostra responsabilidade com horários e família. 2- Preocupação com a mãe e os deveres de casa. 3- Adaptação do autor com a rotina da cidade grande, que de certa forma

atrapalha seu romance.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran sofreu com a perda dos pais e com o rompimento do primeiro casamento, sendo que essa temática é recorrente (Moura e Nigri, 2002, p. 57) Adoniran costuma dizer que essa música não era tão perene quanto "Saudosa Maloca", pois sua temática era sobre o problema de condução. (Moura e Nigri, 2002, p. 119). Mas completava ressaltando que era a sua melhor letra (Mugnaini, 2002, p 91). A letra fala inclusive do bom sujeito que volta para casa mais cedo para cuidar do lar (Mugnaini, 2002, p 47 e).

III- V Vivências subjativantes a partir de sua relação dialógica com o mundo do outro:

Consigo mesmo pela força do espírito (supra-sensível)

**1. DEUS TE ABENÇOE . AUTOR
PETELECO**

VAI MEU FILHO DEUS TE ABENÇOE
SEGUE O TEU TRILHO É O QUE A
MINHA MÃE SEMPRE DIZ TODAS AS
MANHÁS QUANDO EU VOU PRA
TRABALHAR EU SAIO DE
MANHAZINHA VOLTO A NOITINHA
NO ACONCHEGO DO MEU LAR
EU TRABALHO DE PEDREIRO
GANHO POUCO DINHEIRO
SOU EU E A MULHER FAÇO TODO O
SACRIFÍCIO MAS MINHA MÃE
SEMPRE DIZ TUDO O QUE QUISER
(FALADO) "BENÇÃO FILHO,
DEUS TE ABENÇOE FILHO
NÃO VAI ESQUECER A MARMITA,
VIU!"

Esfera: Mundo do Supra-sensível (desejo que o filho siga por um bom caminho). **Observação** Trata-se de mais uma composição assinada por Peteleco o Pseudônimo de Adoniran Barbosa e nome de seu cão.

Elementos da estrutura significativa subjativante:

1- Estrutura religiosa servindo de consolo para a dificuldade da vida. 2- Espera da recompensa por ser honesto.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran perdeu os pais muito novo e emocionava-se quando falava no assunto (Mugnaini, 2002, p.19 e 69). Sempre se viu como um trabalhador, com quem se identificava por causa da sua origem operária, conforme consta nos primeiros capítulos de suas biografias aqui citadas.

2. PRAÇA DA SÉ

HOJE VOCÊ É MADAME ESTAÇÃO SÉ
QUEM TE CONHECEU HÁ ALGUNS ANOS
ATRÁS COMO EU TE CONHECI
NÃO TE CONHECE MAIS NEM VAI
CONSEGUIR TE RECONHECER SE HOJE
PASSA POR AQUI ALGUÉM QUE JÁ FAZ
ALGUM TEMPO QUE NÃO TE VÊ POUCA
COISA TEM QUE CONTAR POUCA COISA TEM
QUE DIZER VAI PENSAR QUE ESTÁ
SONHANDO É NATURAL NUNCA VIU COISA
IGUAL DA NOSSA PRAÇA DE OUTRORA
QUASE NÃO TEM MAIS NADA NEM RELÓGIO
QUE MARCA AS HORAS PROS NAMORADOS
ENCONTRAR AS NAMORADAS NEM O VELHO
BONDE DINDINDINDIN NEM O CONDUTOR
DOIS PRA LIGHT E UM PRA MIM NEM O
JORNALEIRO PROVOCANDO O MOTONEIRO
NEM OS ENGRAXATE JOGANDO CAIXETA O
DIA INTEIRO ERA UMA GOSTOSURA VER OS
CAMELÔ CORRER DO FISCAL DA
PREFEITURA É O PROGRESSO É O
PROGRESSO MUDOU TUDO MUDOU ATÉ O
CLIMA VOCÊ ESTÁ BONITA POR BAIXO E
ESTÁ BONITA POR CIMA SÓ INDO LÁ PRA
VER MAS NÃO VÁ SOZINHO, MEU SENHOR,
QUE O SENHOR VAI SE PERDER

Esfera: Mundo do Supra-sensível (A nostalgia da estética de São Paulo).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- O autor não se identifica mais com sua cidade. 2- A transformação do progresso afetou a paisagem anterior de sua memória.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran reclamava muito aos seus amigos e em

entrevista que a cidade de São Paulo não existia mais, sentia muita nostalgia da São Paulo de outrora (Mugnaini, 2002, p. 134 e 135).

3 SAMBA ITALIANO
 (FALADO) "GIOCONDA, PITINA MIA,
 VAI BRINCAR ALÍ NO MAREÍ NO FUNDO,
 MAS ATENCIONE CO OS TUBARONE, OUVISTO
 CAPITO MEU SAN BENEDITO".
 PIOVE, PIOVE,
 FA TEMPO QUE PIOVE QUA, GIGI,
 E IO, SEMPRE IO,
 SOTTO LA TUA FINESTRA
 E VUOI SENZA ME SENTIRE
 RIDERE, RIDERE, RIDERE
 DI QUESTO INFELICE QUI
 TI RICORDI, GIOCONDA,
 DI QUELLA SERA IN GUARUJÁ
 QUANDO IL MARE TI PORTAVA VIA
 E ME CHIAMASTE
 AIUTO, MARCELLO!
 LA TUA GIOCONDA A PAURA DI QUEST'ONDA
 (DECCITTE IN CIELLO VOLTE COMO A DITO
 MICHELANGELO)

Esfera: Mundo do Supra-sensível
 (Sentimento de oriundo da Itália).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- A adaptação dos costumes e da geografia dos imigrantes. 2 A correlação da Itália com a cidade de São Paulo, que possui uma grande quantidade de imigrantes

italianos, como a origem do autor.

Vivência existencial (eticidade): A linguagem macarrônica da composição é proposital para retratar o imigrante italiano que fundia os idiomas, uma brincadeira realizada anteriormente por Juó Bananere, antecessor de Adoniran no estilo (Moura e Nigri, 2002, p. 23). O samba teve inspiração no comentário de uma amigo Italiano, Otelô Zeloni, que disse após muitos dias de chuva em São Paulo, *Piove*, Adoniran acrescentou ainda um verso da ópera *La Bohème* de Puccini “Aiuto, Marcello”, segundo relata Celso Campos Júnior (2004, p.407 e 408).

4. TOCAR NA BANDA

TOCAR NA BANDA PRA GANHAR O
 QUÊ? DUAS MARIOLAS E UM
 CIGARRO IOLANDA NUM
 RELÓGIO É QUATRO E VINTE
 NO OUTRO É QUATRO E MEIA É
 QUE DE UM RELÓGIO PRA OUTRO
 AS HORAS VAREIA MARQUEI COM
 A MINHA NEGA ÀS CINCO
 CHEGUEI ÀS CINCO E QUARENTA
 ESPERAR MAIS QUE VINTE
 MINUTOS QUEM É QUE AGÜENTA

Esfera: Mundo do Supra-sensível (O valor do trabalho artístico e a passagem do tempo).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- A descoberta prematura do valor do trabalho artístico. 2- A idéia da passagem do

tempo.

Vivência existencial (eticidade): Moura e Nigri (2002, p. 32) relatam que quando criança Adoniran tocou com o irmão na Banda de Santo André-SP. O que ganhavam

dava para comprar um pacote de cigarros Yolanda, também chamados de a “loira malvada”, por serem péssimos, e dois doces de banana chamados de mariola, o que também servia de crítica para os ganhos atuais do músico. A segunda parte da composição é uma clara brincadeira com a teoria da relatividade de Albert Einstein (Campos, 2004, p. 420 e 421). Adoniran costumava dizer que foi vindo, foi vindo e agora tinha setenta anos, mas que na verdade, tinha dez, pois se sentia jovem (Mugnaini, 2002, p. 135).

5. VÉSPERA DE NATAL

EU ME LEMBRO MUITO BEM FOI
NUMA VÉSPERA DE NATAL
CHEGUEI EM CASA ENCONTREI
MINHA NEGA ZANGADA, A
CRIANÇA CHORANDO, MESA
VAZIA, NÃO TINHA NADA. SAÍ, FUI
COMPRAR BALA MISTURA,
COMPRI TAMBÉM UM PÃOZINHO
DE MEL E CUMPRINDO A MINHA
JURA, ME FANTASIEI DE PAPAÍ
NOEL FALEI COM MINHA NEGA DE
LADO EU VOU SUBIR NO TELHADO
E DESCER NA CHAMINÉ ENQUANTO
ISSO VOCÊ PEGA A CRIANÇA E
ENSAIA O DINGO-BEL AI MEU DEUS
QUE SACRIFÍCIO O ORIFÍCIU DA
CHAMINÉ ERA PEQUENO PRA ME
TIRAR DE LÁ FOI PRECISO CHAMAR
OS BOMBEIROS

Esfera: Mundo do Supra-sensível (Sentimento de Natal).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- O autor relata o sentimento de Natal do brasileiro pobre e a dificuldade em parecer com os contos de Natal norte-americanos.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran fala que

essa música era Chapliniana uma referência ao estilo cinematográfico de Charles Chaplin. (Disco Documento Inédito, 1982, gravadora Eldorado SP). A música ridiculariza os hábitos americanizados dos brasileiros, o sucateamento dos costumes, como o autor já havia feito em outra composição “Nóis viemos aqui pra que” quando ele fala “charop”, na rádio também interpretou um professor de Inglês chamado Phillip Morris, que ridicularizava a língua e os costumes; o personagem foi uma criação de Osvaldo Moles (Campos Jr, 2003).

6. VIDE VERSO MEU ENDEREÇO

VENHO POR MEIO DESSAS MAL
TRAÇADAS LINHAS COMUNICAR-
LHE QUE FIZ UM SAMBA PRA VOCÊ,
NO QUAL QUERO EXPRESSAR TODA
MINHA GRATIDÃO E AGRADECER
DE CORAÇÃO TUDO O QUE VOCÊ
ME FEZ. O DINHEIRO QUE VOCÊ ME
DEU COMPREI UMA CADEIRA LÁ
NA PRAÇA DA BANDEIRA. ALI VOU
ME DEFENDENDO, PEGANDO FIRME
DÁ PRA TIRAR MAIS DE MIL POR
MÊS. CASEI, COMPREI UMA
CASINHA LINDA LÁ NO ERMELINDO.
TENHO TRÊS FILHOS LINDOS, DOIS
SÃO MEUS, UM DE CRIAÇÃO...EU
TENHO MAIS
COISAS PRA LHE CONTARMAS VOU
DEIXAR PRA UMA OUTRA OCASIÃO
NÃO REPRE A LETRA A
LETRA É DE MINHA MULHERVIDE
VERSO MEU ENDEREÇOAPAREÇA
QUANDO QUISER E PUDER

Esfera: Mundo do Supra-sensível (Sentimento de gratidão).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- O autor comunica que se sente grato com a ajuda obtida, mesmo que esta só tenha lhe garantido a subsistência.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran se sentia pouco reconhecido e pobre, sempre reclamava

sobre o que ganhara durante a carreira o que apenas comprar um sítio em uma periferia de São Paulo(Mugnaini, 2002, p.20 e 30).

7. VILA ESPERANÇA

VILA ESPERANÇA, FOI LÁ QUE EU PASSEI
O MEU PRIMEIRO CARNAVAL VILA
ESPERANÇA, FOI LÁ QUE EU CONHECI
MARIA ROSA, MEU PRIMEIRO AMOR/ COMO
FUI FELIZ, NAQUELE FEVEREIRO POIS TUDO
PARA MIM ERA PRIMEIRO PRIMEIRA ROSA,
PRIMEIRA ESPERANÇA PRIMEIRO
CARNAVAL, PRIMEIRO AMOR CRIANÇA
NUMA VOLTA NO SALÃO ELA ME OLHOU
EU ENVOLVI SEU CORPO EM SERPENTINA
E TIVE A ALEGRIA QUE TEM TODO PIERROT
AO VER QUE DESCOBRIU SUA COLOMBINA
O CARNAVAL PASSOU, LEVOU A MINHA ROSA
LEVOU MINHA ESPERANÇA, LEVOU O AMOR
CRIANÇA LEVOU MINHA MARIA, LEVOU
MINHA ALEGRIA LEVOU A FANTASIA, SÓ
DEIXOU UMA LEMBRANÇA

Esfera: Mundo do Supra-sensível
(Sentimento de aflorar a vida).

Elementos da estrutura significativa

subjativante: 1- Descoberta da alegria do carnaval e da boemia. 2- Criação de uma identificação com o bairro que lhe possibilitara o início da vida adulta. 3-

Descoberta do primeiro amor e da felicidade

que isso traz. 4- A descoberta da passagem do tempo do final das relações e da ilusão romântica do carnaval.

Vivência existencial (eticidade): Adoniran usa o nome da vila para relacionar com a esperança de ter dias melhores; novamente a sensação de finitude e abandono (Moura e Nigri, 2002, p. 57).

8. AS MARIPOSA AS MARIPOSA

QUANDO CHEGA O FRIO FICA
DANDO VOLTA EM VOLTA DA
LÂMPIDA PRA SE ESQUENTAR
ELAS RODA, RODA, RODA E
DISPOIS SE SENTA EM CIMA DO
PRATO DA LÂMPIDA PRA
DESCANSAREU SOU A LÂMPIDA
E AS MUIÉ É AS MARIPOSA QUE
FICA DANDO VOLTA EM VOLTA
DE MIM TODA NOITE SÓ PRA
ME BEIJAR

Esfera: Mundo do Supra-sensível (a idéia de prostituição e de sua relação com a mesma).

Elementos da estrutura significativa subjetivante:

1- Analogia entre a mulher e a mariposa, a mulher representada pelas prostitutas, que saem à noite e

circulam pelas calçadas iluminadas, com a finalidade de serem vistas pelos homens. 2- A confissão do tipo de relação que tinha com algumas mulheres. 3- Compara seu poder de atração ao poder de atração da luz às mariposas.

Vivência existencial (eticidade): As mariposas na época eram as mulheres que saíam à noite para se prostituírem. (Mugnaini, 2002). Conforme abordado na letra anterior Adoniran não fazia o sucesso que ele esperava com as mulheres, as mariposas apresentadas na letra são alusão às prostitutas, apelido utilizado na época (Mugnaini, 2002, p. 87 e 89).

4- DISCUSSÃO

O cunho sobretudo social das letras demonstra a importância da cidade nas experiências dialógicas vividas pelo autor, a força das revelando sua subjetivação e o processo interativo com a sua cidade e que por sua vez, por meio das letras musicais, ajudou os habitantes a descobrirem sua identidade. Esses dados ajudam a entender a identificação do povo paulistano com as letras de música, que foram eleitas como um emblema de São Paulo no ano de comemoração de seu aniversário de número quatrocentos e cinquenta. O poeta da cidade, como era chamado por Antonio Candido, o

interprete do povo, tem em suas canções o grito dos excluídos, o próprio grito seu, de sua família, que veio sobreviver no Brasil. Para justificar esse projeto a frase do seu colega de composições Paulo Vanzolini, ilustra bem:

O Adoniran era muito meu amigo. Quando trabalhei com ele na TV Record, saíamos sempre juntos para tomar uma cachaça. Ele propôs várias vezes fazer parcerias comigo, mas não daria certo, porque ele queria que eu fizesse a melodia. Considero o Adoniran um caricaturista genial com um grande poder de síntese. Ele tinha um samba que dizia ‘Inês saiu, dizendo que ia comprar pavio pro lampião’. Você pode escrever sete volumes sobre a periferia paulista, mas dificilmente vai ser tão preciso quanto essa imagem. Onde mais alguém usaria lampião em São Paulo?. (Adoniran/Paulo Vanzolini, 1978, p. 6).

A narrativa de Adoniran está reunida nas vinte e três composições, sem parceiros, ligadas às esferas da Natureza (quatro composições), Outro (dez composições) e Supra-sensível (oito composições). As personagens de Adoniran são, na maioria, pessoas pobres, de classe operária, que lutam, ora contra a falta de condições mínimas de sobrevivência, ora contra o abandono da mulher amada. São pessoas que se sentem sufocadas pelo progresso, não estão adaptadas ao tempo que vivem, mas que enxergam na arte uma forma de sublimar as mazelas, mesmo que dela não tirem a compensação financeira desejada e nem o reconhecimento merecido, porém, realizam-se como pessoa nas rodas de samba, nos bailes de carnaval.

O local onde ocorrem às narrativas são, em grande número, os bairros de São Paulo: Mooca, Casa Verde, Bexiga (Bela Vista), Jaçanã, Vila Esperança, Ermelino Matarazzo, além de praças e ruas como Praça da Sé, Rua dos Gusmões, Praça da

Bandeira e a cidade litorânea do Guarujá. As construções são normalmente moradias pobres, sem água, energia elétrica, mas com amizade e solidariedade dos vizinhos, o que para o autor constituía as malocas. Adoniran sempre se identificou com essas habitações, trabalhou no rádio em um programa chamado Histórias das Malocas, em que fazia uma personagem chamado Charutinho.

No total das composições, pode-se medir seis citações diretas a malocas, seis a lugares indeterminados, mas com potencial de habitação pobre. A narrativa de Adoniran apresentou uma variação de conflitos principais, sendo que urbanização acelerada, progresso e moradia se repetiram mais; o abandono da mulher amada, a companhia do lar é bastante citada. Outros conflitos aparecem com desfecho humorístico em três vezes, além da resolução de situações entorno da relação mãe e filho, que aparecem em duas ocasiões.

A arte surge como redentora da pobreza, seja em situação de alegria por uma roda de samba, ou por um baile, mas também ressalta o ressentimento do autor em relação ao abandono da mídia ao seu trabalho, e a falta de valor financeiro de sua obra. Perto de seu falecimento sempre que era homenageado Adoniran perguntava se haveria compensação financeira além das glórias do evento. (Campos, 2003, p 55).

Adoniran Barbosa é o Gaetaninho ⁷ de Antônio Alcântara Machado, contudo o compositor sobreviveu as máquinas e ao sonho do progresso, teve sua alfabetização nas ruas de São Paulo, a sua insignificância poderia ser infinita perante o tamanho da cidade, mas foi seu fotógrafo, revelado na subjetivação do próprio artista, responsável pela história oral e pelo imaginário das ruas, é o artista que se criou, pois nasceu João Rubinato, e em sua simplicidade hoje é quem melhor delineou seu tempo, ele guarda em sua pequenez de ser humano a memória oceânica da gigante metrópole.

⁷ Personagem da crônica que leva seu nome do livro *Novelas Paulistas* da editora EDUSP, 1988.

Adoniran é o artista da mistura de raça, de ritmo, dos bairros característicos, étnicos e tradicionais, da conversa de botequim, do malandro que trabalha e tem horário a cumprir, do lampião de gás do subúrbio, do trem, do metrô, do final de noite, da roda de samba, da contradição, pois a cidade é contraditória é a mais rica e a mais pobre, com as maiores chances de desenvolvimento pessoal e as menores chances. Como diz sua letra a respeito do trabalho artístico “tocar na banda pra ganhar o quê? Duas mariolas e um cigarro Iolanda” que era o ganhava realmente quando menino para tocar na banda (Rocha, 2002, 71).

"Ele é a voz da cidade", disse Antonio Cândido⁸ em um brilhante texto sobre o autor, que teve um peso decisivo para sua carreira, pois se tratava de um crítico acadêmico elogiando uma artista popular. A fidelidade à música e à fala do povo permitiu a Adoniran exprimir a sua cidade de modo completo e perfeito.

Outro artista e escritor argentino, Ernesto Sabato (2003, p.87), formulou:

(...) o existencialismo traduziu as angústias do homem, do homem que vive o desmoronamento de uma civilização tecnólata (...) O homem não era, afinal, nem simples razão pura, nem mero instinto: ambos atributos deveriam integrar-se nos supremos valores espirituais que distinguem o homem de um animal. A partir de Husserl, a filosofia já não centrará no indivíduo, que inteiramente subjetivo, mas na pessoa, que é a síntese de indivíduo e comunidade... O poeta que contempla uma árvore e que descreve o estremeamento que a brisa provoca em suas folhas não faz uma análise física do fenômeno, não recorre a princípios da dinâmica, não raciocina por meio das leis matemáticas da programação luminosa: atem-se ao fenômeno puro, a essa impressão cândida e vivida, ao puro

⁸ Candido, Antonio [1975], citado por Bruno Gomes. In: Gomes, Bruno. Adoniran: um sambista diferente. p. 71-72.

e belo brilho e tremular das folhas ao vento. Assim, que é a descrição literária senão fenomenologia pura?.

5- OBSERVAÇÕES FINAIS

O problema da pesquisa foi à interpretação da experiência dialógica existencial usando como fonte de dados as letras de música, ou seja, a poesia lírica do artista paulista Adoniran Barbosa. O estudo acessou a experiência de subjetivação do compositor Adoniran Barbosa na linguagem de suas letras de músicas. E concluiu que sua linguagem poética desvela o significado subjetivante das experiências dialógicas.

Assim sendo a pesquisa oferece uma análise descritiva ou fenomenológica dos significados vividos na existência de Adoniran Barbosa e do seu processo de subjetivação ou individuação através dos conteúdos das letras de suas músicas que revelaram seu poder de realização poética humana ao defrontar-se com o universo da realidade vivida nas esferas do mundo da relação com supra-sensível, com o outro e com a natureza. O trabalho colabora com subsídios aos psicoterapeutas de formação e orientação fenomenológica, no sentido de descobrirem o alcance psicológico das teses de Martin Buber. Verificou a eficiência da coleta de dados através de letra de música. E propõe novas pesquisas relacionando a intersecção entre arte e psicologia, o estudo da personalidade artística. Propõem, ainda, novas pesquisas em outras disciplinas a partir do método usado. Além de auxiliar teorias literárias na elaboração de estudos da personalidade;

Finalmente ressaltamos que o aspecto subjetivante da experiência poética segundo Meca (2000, p. 141) esquemas modélicos poético, amoroso ou religioso e o fato da

linguagem poética desvelar a nova dimensão da esfera das coisas espirituais a esse respeito cita-se o recente trabalho da pesquisadora Patrizia Manganaro (2004, p.4) seu artigo pronuncia-se sobre a terceira esfera de Buber quando ele a remete a experiência mística direcionada à relação dinâmica e recíproca Eu-Tu e à sua verdade vivida, atuada e conhecida. Assim, o campo de pesquisa da terceira esfera em Adoniran Barbosa se focaliza no mistério pessoal da experiência mística cristã, com sua particularidade permeando o campo comum mais vasto, onde nem toda experiência mística é experiência de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL Cultural. (1978). *Adoniran Barbosa/ Paulo Vanzolini. (Nova história da música popular brasileira)*. 2ª.ed. São Paulo: Editora Abril.
- ADLER, A (1956). *The Individual Psychology of Alfred Adler*. New York: Harper.
- AUROUX, Sylvain. (1998). *A filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Unicamp.
- BOCK, A. M. B; FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T. (2002). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo. Editora Saraiva.
- BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. (2003). *Qualitative Research for Education – Na Introduction to theories and Methods*. Boston: Allyn and Bacon
- BUBER, Martin. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2001). *Eu e Tu*. 8 ed. São Paulo: Centauro.
- CAMPOS JUNIOR, Celso. (2004). *Adoniran: Uma Biografia*. São Paulo: Editora Globo.
- FADIMAN, James & FRAGER, Robert. (1986). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra.
- GIORGI, Amedeo. (1978). *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*. (R. S. Schwartzman, Trad.) Belo Horizonte: Interlivros. (Trabalho original publicado em 1970).
- _____. (2000) *Phenomenology and Psychological Research*. Pittsburgh, P. ^a : Duquesne University Press.
- GOMES, Bruno. (1987). *Adoniran: um sambista diferente*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular; São Paulo: Martins Fontes.
- GOMES, W. (1998). *Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora Universidade.
- GOODMAN, Paul ; HEFFERLINE, Ralph & PERLS, Frederick. (1997). *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus Editorial.
- HALL & LINDZEY. (1984) *Teorias da Personalidade*. São Paulo : EPU, vol. 2.

MANGANARO, P. (2004). Alteridade, filosofia, mística: entre fenomenologia e epistemologia. *Memorandum*, , Retirado em / / da World Wide Web: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/manganaro01.htm>

MECA, D.S. (2000). *Martin Buber*. Barcelona: Herder.

MERLEAU-PONTY, Maurice.(1980). *Os pensadores In: Signos e Fenômenos da Linguagem*. São Paulo: Abril Cultural.

_____. (1999) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

MOURA, Flávio & NIGRI, André. (2002) *Coleção Paulicéia Adoniran se o senhor não ta lembrado*. São Paulo: Boitempo Editora.

MUGNAINI JUNIOR, Ayrton. (2002). *Adoniran Dá licença de Contar*. São Paulo: Editora 34.

ROCHA, Francisco. (2002). *O poeta da Cidade*. São Paulo: Ateliê Editorial.

SABATO, Ernesto, (2003). *O escritor e seus fantasmas*. São Paulo: Companhia das Letras.

TURATO, Egberto Ribeiro. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. São Paulo: Editora Vozes.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. (2003). *Martin Buber Cumplicidade e Diálogo*. Bauru – SP: EDUSC.

ANEXOS



**Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, Trav. 4, 399 Bl. 23
Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira
05508-900 São Paulo SP - Brasil
Tel.: +55 11 3091-4452
Fax: +55 11 3091-4462**



revpsico@edu.usp.br

ISSN 0103-6564
versão impressa

Publicação de
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Missão

Publicar trabalhos originais e inéditos que contribuam para o conhecimento e desenvolvimento da Psicologia e ciências afins, como artigos de reflexão e ensaios com ênfase a tópicos clássicos da Psicologia como Memória, Família, Consciência, Inconsciente e Alteridade

Informações básicas

Psicologia USP é uma publicação semestral do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), com datas de lançamento em junho e em dezembro.

Editada desde 1990, a revista divulga artigos que reflitam o amplo espectro das preocupações atuais dos pesquisadores e os debates mais significativos que se travam nas áreas de fronteira das ciências humanas e biológicas. A revista publica artigos de reflexão e ensaios com ênfase a tópicos clássicos da Psicologia como Memória, Família, Consciência, Inconsciente e Alteridade.

Psicol. Univ. São Paulo é a abreviatura do título da revista para ser usada em referências, bibliografias, notas de rodapé e legendas bibliográficas.

Fontes de indexação

A revista é indexada em:

LILACS - Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde

Copyright

O copyright pertence ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Patrocinador

A publicação da revista recebe credenciamento e apoio financeiro do: